BRASÍLIA INCHADA

Esse inchaço vai piorar nos próximos 15 anos, adverte o arquiteto Gladson da Rocha. É preciso parar

Marcílio Farias

Repensar Brasília antes que seja tarde. Colocar a cidade na prancheta antes de cimentar mais um tijolo. Ver Brasília com olhos de futuro e não com a especulação do presente. Preservar a cidade. Essas são idéias-mães do pensamento de Gladson da Rocha, o arquiteto pioneiro que, após os desencantos sucessivos de Lúcio Costa e Niemeyer, assumiu a defesa do Plano Piloto com unhas e dentes. Defesa de um plano que ele ajudou a implantar, membro que foi da comissão de construção da cidade e do conselho de arquitetura e urbanismo da cidade, órgão real mas de nenhum peso, pois jamais foi ouvido de fato pelos que tomam decisões.

Gladson chegou no planalto bem no início, integrando a comissão de fundação. Viu muito, ouviu mais ainda. Silenciou o quanto pôde até começarem as distorções. Para ele existe uma "idéia-Brasília" e um "projeto-Brasília"; ambos desvirtuados, ambos malversados, ambos explorados escrupulosamente por gregos e troianos. Não obstante, continua sendo a idéia "pioneira, revolucionária, atualizadora dos princípios mais modernos da arquitetura e do urbanismo do século XX". Para Gladson, mesmo desvirtuada, a cidade confirma todas as propostas do gênio francês da arquitetura: Le Corbusier.

Único arquiteto brasileiro a ocupar um posto importante na fechadíssima administração da Inglaterra, Gladson foi durante dois anos o Arquiteto-Urbanista do **Ministry of Housing and Local Government**, espécie de Ministério da Habitação e Administração Comunitária da Inglaterra, por indicação dos todo-poderosos Lordes Carrington e Holford. Nesse posto (que deixou por livre e espontânea vontade, para lamentação dos ingleses que até hoje o assediam) construiu em plena época dos Beatles, as cidades inglesas de Stevenage e Luton, próximo a Londres. Aqui, a "pirâmide" que construiu para a CEB no começo da L-2 Norte, já se tornou um símbolo, como a Torre de TV.

Por essa experiência internacional que lhe valeu grandes honrarias e pelo seu passado de arquiteto fundador e pioneiro, Gladson clama: "parem com esse crescimento desordenado. É preciso repensar a cidade antes que seja tarde demais."

No seu escritório, uma agradável cobertura num dos feios edifícios "Venâncios", Setor de Diversões Sul, o arquiteto fala, lento e marcado, de seu desencanto pelos rumos tomados pela cidade em nossos dias.

– A caracterização de Brasília sofreu, mas o que sofreu muito e mesmo, foi a "idéia-Brasília", pois a cidade não é apenas o Plano Piloto e sim todo um contexto urbano-rural enorme, que se estende às áreas externas do DF. Aí está o maior problema e aí estão as maiores deturpações. Já começaram a fixação e ampliação das satélites, o que é um erro, e o que é pior, estão fixando novas áreas onde fatalmente se aglomerarão milhares e milhares de pessoas sem maiores perspectivas que não as de hoje: tragar o Plano Piloto numa expansão sem o menor sentido ou finalidade, multiplicando os problemas sociais. Eu lembro da última tarde do Oscar (Niemeyer) na Comissão: após uma discussão violenta com Israel Pinheiro, favorável a construção das satélites enquanto ele, Oscar, era totalmente contra, saiu esbravejando para o Israel: "olha aqui Israel, vocês façam o que bem entenderem, mas nunca mais me venham com essa história de mais satélites para Brasília". Dito isso o Oscar saiu, voltou para o Rio e está lá até hoje. Ele falou isso em 1960 e o que aconteceu? Tudo o que ele temia.

Gladson lamenta a irrefreável e impensada expansão do DF. Um lugar, segundo ele, criado para ser um pólo administrativo-cultural e não um sorvedouro multiplicador dos problemas nacionais. Um micro-mundo que hoje tem um centro ideal e uma periferia que ninguém imaginou ou planejou. Coisas que dificultam a vivência de uma cidade que ele considera a "mais fácil do mundo para viver".

GLADSON: REPENSAR A CIDADE ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS

– Tudo isso é lamentável: primeiro porque Brasília é o lugar mais fácil do mundo para se viver. Basta visualizar o local e pronto, sabe-se onde se vive. Há má vontade contra a cidade, mas uma má vontade que é das pessoas e não da cidade. Para se viver e amar Brasília, basta ter olhos para ver e saber contar além de conhecer os quatro pontos cardeais.

Uma facilidade que (e o arquiteto assume um ar meditativo, sério e profundo) Gladson lamenta estar se complexificando. Brasília tem todos os problemas de uma cidade em expansão. E, o que complica, uma expansão sem planejamento.

– Este é o nosso maior problema. O que o torna mais sério é que é um problema incentivado pelos administradores da cidade. Propõe-se hoje sob o nome pomposo de Plano Executivo de Ocupação do Território do Distrito Federal (PEOT-DF) uma estratégia que resultará na ligação direta do Gama a Taguatinga, numa espécie de cidade única. Uma ocupação de todas as áreas livres que ainda restam, numa imitação grosseira do que foi feito na Europa há algumas décadas. Se lá houve o inchamento problemático, imagine-se aqui, onde as coisas se sucedem contra as concepções originais, contra a "idéia-Brasília". Esse inchaço da cidade vai levar a que nos próximos 15 anos tenhamos uma população de 10 a 15 milhões só na periferia, sufocando de certa forma a vida real do DF, isto sem contar nos problemas sociais desses 15 milhões que irão, queiram ou não queiram, afetar diretamente a vivência do plano original. Teremos o DF, e em redor uma megalópole fantástica. O que mais me espanta é que a justificativa que deram para esse projeto é que seria necessária essa aglomeração urbana para que o DF pudesse ter um sistema de transportes razoável. Ora, isso é um desrespeito tanto para com o ser humano como para com nossa inteligência: juntar milhões de pessoas numa área para viabilizar um sistema de transportes, é ridículo, senão criminoso.

Os argumentos de Gladson são consistentes: o plano de ocupação foi feito pela Seplan em convênio com a Novacap, sem que fossem ouvidos os arquitetos e urbanistas do DAU, ou os fundadores da cidade. A justificativa oficial de sua criação é a implantação de um sistema de transportes de grande porte. Não leva em conta a área geo-econômica, pois localiza indiscriminadamente grupos populacionais enormes e sem planejamento algum. Gladson irrita-se:

– Mais do que isso, trata-se de um desrespeito pelo emigrante. Em lugar de fixar as pessoas no seu lugar de origem, trazem-nas para cá, iludindo-as com a construção de novas cidades. Precisamos fixar nossos migrantes, mas precisamos planejar essa fixação, pois a nossa periferia está sendo loteada para mais habitantes do que a área pode comportar. Há lotes para serem ocupados até no ano 2.000. Tem de ser baixada uma lei que proíba, que interrompa esse crescimento desordenado. Trata-se de uma questão de sobrevivência do plano original e de fidelidade a certos padrões do planejamento urbano que não devem ser desvirtuados. Os emigrantes merecem respeito, afinal de contas, não são cobaias de ninguém.

Ao mesmo tempo que tem olhos para o futuro da cidade, Gladson não deixa escapar o presente. Um presente que torna Brasília, segundo ele, o paraíso dos especuladores e um canteiro de experiências. Sua vivência num dos países onde é mais rígido o planejamento urbano (a Inglaterra) o leva a ser meticuloso até o detalhe: não perdoa nada. Das mudanças radicais nas W-3 Norte e Sul (unidas diretamente hoje em dia) à zona rural.

– O plano da cidade já não vale mais nada para os cientistas da cidade, sim, pois transformaram-na em um canteiro de experiências. Desde a W-3, planejada para ser uma via de quarta ou quinta categoria, ou seja, uma simples via de abastecimento, de acesso, e hoje transformada em uma via de primeira, superlotada de gente e carros. Se bem que esta foi a mudança final. Desde o início o Israel Pinheiro pessoalmente modificou tudo: Oscar e Lúcio haviam planejado o comércio voltado para a W-2, mas o Israel achava ridículo um comércio com os "fundos" voltados para W-3 e mudou. Mas não só a W-3. A definição das áreas verdes é um acinte. Ninguém sabe mais onde é área verde ou não. E todos estão a construir a torto e a direito. Sem contar os anúncios, de um mau gosto insuportável e que enchem a cidade sem critérios. Na zona rural não se comenta. Não podemos ignorar os mais de 2 milhões de pessoas que vivem em nossa periferia. Isto para não criticar a total defasagem entre o conceito originário de satélite e sua visão atual: satélite nos conceitos originais, é uma cidade auto-suficiente em todos os sentidos, que é satélite apenas a nível administrativo. Não obstante, a experiência indica que, em geral, 12% da população dessas satélites trabalha fora. Em Brasília essa porcentagem é certamente bem maior, quase absoluta. Mas, estão transformando a cidade numa paisagem cubista...

A irritação do arquiteto pioneiro não é pouca. Seu amor pela cidade tem 23 anos, a mesma idade dela. E sua luta pela preservação do conceito original tem o mesmo tempo. Um tempo que o fez ver na cidade o espaço natural da arte, da beleza. Brasília como a materialização da harmonia, da musicalidade e magia do movimento, da dança.

Brasília sugere arte, leveza e dança. É uma cidade onde os edifícios (certos edifícios, pois existem monstrengos assustadores por aí) cantam. Há prédios que cantam para nós, aqui, na sua harmonia e atmosferas realmente mágicas. Temos aqui um futuro bonito e muito especial, pois o nosso sangue com sua herança portuguesa nos deu uma disposição de espírito muito serena. Brasília de certo modo é um reflexo dessa serenidade e merece toda a deferência e cuidados possíveis. Para quem a ama, ela deve ser o mais importante de tudo. O desleixo, os desvirtuamentos, as experiências, são atitudes irresponsáveis, ditadas o mais das vezes por outros interesses que não ela mesma. A cidade é jovem, tem 20 anos, com uma cultura em formação e muita gente fazendo coisas. Acho fundamental que se estimule a criação de organizações comunitárias, pois afinal são os habitantes naturais da cidade que têm o direito e o dever de fazerem os seus próprios programas valorizando a si mesmos. A iniciativa comunitária é vital para a dinamização de nossa cidade.